

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesse.

Chefe da Redacção — DOMINGOS RIBEIRO.

Director e Editor — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Administrador — JOÃO S. S. RIBEIRO.

O nosso illustre conterrâneo e bom amigo sr. dr. Jerónimo Rocha, Delegado do Procurador da República na comarca de Famlidão, ofereceu-nos, há dias, um opúsculo contendo um interessante trabalho jurídico — «Contra-minuta do Ministério Público» — referente ao Processo Correcional contra Vitorino Henrique Coimbra, casado, proprietário e capitalista da cidade do Porto, o qual nos revela as suas qualidades de Magistrado inteligente.

«**Ferros Curtos**» é o título de uma nova secção, do nosso jornal, que será a *Gazetilha* semanal, aonde o espírito brilhante do nosso illustre colaborador *Bandarilheiro*, mostrará os seus finos dotes de ironia e de inteligência.

Bandarilheiro é o pseudónimo de um conhecido poeta, muito amigo da nossa terra.

A entrada triunfante, no Café Oriental, na tarde de domingo, dos tais *meninos da banda de lá*, foi muito significativa...

Coitadinhos... Nós adivinhámos!... Fizeram bem o recado...

A atitude pouco decente — a duns três cavalheiros que, ali à esquina do *High-Life*, desceram dum automóvel, no passado domingo, e se puzeram em *camisa*. Tiveram o atrevimento de tirar o casaco, mesmo nas *bochechas* da polícia...

Arre!... Já é preciso ter muita coragem... e confiança.

Oriental — lê-se, em grandes caracteres, um anúncio luminoso, no Café Oriental.

Bravo! E assim que se mostra vontade de embelezar a nossa Terra... embora com o sacrifício da própria bolsa.

Parabéns ao Carvalho e ao Figueirêdo. E ao Pires também por ter animado e realizado aquela iniciativa de bom gosto e oxalá que outros lhe sigam o exemplo.

Com grande indignação, verificamos que o garotito continua a jogar a bola, ali para os lados das obras dos novos Paços do Concelho. E assim, ainda no passado domingo, vimos, com os nossos olhos, dois grupos de rapazes, naquê local, a jogarem, a par dos costumados palavrões, que fazem córar os mais descarados imorales.

Bem sabemos que, nessa tarde, a polícia estava ocupada com *coisas de maior monta*... mas ainda assim pedimos ao seu digno Chefe o favor de se não esquecer de que, naquê lugar, também mora gente, que é contribuinte e que se vê na necessidade de *emigrar*, se providências enérgicas não forem tomadas.

E' de surpreendente efeito a iluminação da frontaria do templo de Nossa Senhora da Oliveira, produzida por um poderoso foco eléctrico.

Temos ouvido fazer as mais elogiosas referências a este melhoramento que, não só às pessoas de fóra mas também às da terra, no número das quais nos encontramos, tem causado uma agradável surpresa.

QUESTÕES DE ENSINO

II

Agora que se aproxima um novo ano lectivo, nenhuma ocasião mais oportuna para ventilar alguns pontos mais gerais e mais importantes do ensino público em Portugal. Por hoje, occupar-me-ei do ensino professado nas Escolas Técnicas Elementares, que são as Escolas do povo, as Escolas dos ricos e dos pobres, as Escolas onde se criam grandes exércitos de operários, que, certamente, não de contribuir — de harmonia com os progressos deste ensino — para um Portugal maior, para um Portugal mais próspero. Se as Escolas Técnicas de Portugal ainda não são o que devem ser — não obstante a sua existência já vir de longa data — isso se deve ao abandono a que elas tem sido votadas, muito principalmente por parte dos poderes públicos. Há, ainda, poucos anos que o Estado principiou a dispensar alguma protecção a estas Escolas, mas que não é a suficiente para lhe dar a finalidade precisa, a finalidade, pelo menos, indispensável, aquela que tem as congêneres de outros países da Europa — para não ir mais além —, como as da França, as da Alemanha, as da Bélgica, as da vizinha Espanha, etc., etc.

Com uma organização perfeita e completa, e com boas instalações e bom apetrechamento, as nossas Escolas Técnicas poderão ser consideradas o elemento básico da prosperidade económica do país. Mas, a par disto, torna-se necessário criar mais, porque está verificado que as actualmente existentes são insuficientes para a sua numerosíssima população escolar. A propósito, transcrevo do «Diário Liberal», de 8 do corrente, o seguinte:

Péssimo precedente

Estendeu-se, e quasi que bem, dever desviar-se a caudalosa corrente que da instrução primária ia depois espalhar-se pelos liceus, para as escolas de ensino técnico elementar. Abriram-se nestes estabelecimentos de ensino, cursos diurnos e nocturnos, estabeleceram-se propinas a preços baixos, deram-se vantagens interessantes... O facto é que as escolas existentes — referimo-nos a Lisboa, — regorgitavam de alunos. A frequência

nas aulas de noite era composta de empregados no comércio, alguns comerciantes mesmo, e operários que largavam o seu trabalho às cinco, jantavam à pressa, entravam para as aulas às sete ou oito horas, de classe em classe pela escola deixavam-se andar até cerca da meia noite... e no dia seguinte, às oito da manhã retomavam o trabalho material, o seu ganha-pão.

Parecia que se impunha, como dever, alimentar a corrente que se estabelecia, multiplicando as escolas, estabelecendo-as junto de centros operários ou próximo dos locais de maior actividade comercial, ou, outra hipótese, ampliando ao máximo as que já existiam, instalando-as em bons edificios.

Puro engano. Deu-se positivamente o inverso.

Não se aumentou o número de escolas, continuou a trabalhar-se nas casas que já existiam. Como os alunos não podiam comprimir-se, houve — chega a ser espantoso! — necessidade de reduzir o número de frequências.

Apareceram nas secretarias dessas escolas milhares e milhares de requerimentos de cidadãos que no seu pleno direito reclamavam que lhes fosse ministrado o ensino, nos termos que a lei lhes facultava. A dominar o fim superior dessa lei, appareceu um outro, o do «espaço». A instrução ficou subordinada ao número de metros cúbicos das aulas existentes, à quantidade de carteiras já compradas.

Apareceu então a mirífica ideia de selecção. Com que critério? A olhos fechados foi indeferir, indeferir...

Mas, não foi este apenas o caso grave que se notou. Outro ainda mais duro, deshumano, inconcebível mesmo sob o triste aspecto de desprezo pelos direitos dos cidadãos. Havião, supunhamos, obtido a passagem para o terceiro ano, cem ou cento e cinqüenta. Para o segundo, trezentos ou quatrocentos.

Pois em obediência à trágica ideia do «espaço», a maior parte destes individuos que haviam prestado provas, foram escurraçados, postos na rua como indesejáveis, como se fossem portadores duma doença infecciosa terrível. O «espaço» — a famosa doutrina do «espaço» criou em milhares de individuos a arreigada ideia de não poderem já mais confiar seja em quem for. Foram, empreguemos o termo menos duro que encontramos para classificar, espoliados, cometeu-se para com eles uma burla indecorosa.

Pagaram as imposições que lhes marcaram, cumpriram os seus deveres com exactidão para com o Estado, para com os professores, respeitaram leis e regulamentos. Socialmente cumpriram a sua missão, estudando, trabalhando, aperfeiçoando as suas qualidades intellectuais. Qual foi o prémio recebido? Uma ordem de expulsão, a meio dos seus cursos, futuros que se despedaçaram. Por que o fim superior o exigiu?

Que nos responda quem quizer e quem puder.

São verdades, duras verdades,

aquelas que diz o autor da local acima transcrita, com a diferença de que a triste circunstância de haver necessidade de se reduzir a frequência, não se tem dado somente nas Escolas Técnicas de Lisboa, mas também nas de outras localidades, a-pesar-de alguns professores fazerem o sacrificio de trabalharem algumas horas gratuitamente e, ainda, do número de alunos de cada turma ser muito elevado. Em parte, a redução do corpo docente destas Escolas, levada a efeito por meio do Decreto 18.420, aquela que reorganizou o Ensino Técnico Elementar e que, pouco depois, foi alterado por um outro decreto — o 20.420, criou certas dificuldades à grande concorrência de alunos, porque chegou-se à conclusão — aliás bem demonstrada, infelizmente — de haver um excesso grande de candidatos à matrícula nas Escolas referidas, havendo, pelo contrario, um número muito insufficiente de professores efectivos, com a agravante de existir um reduzido número de professores agregados e da verba orçamental destinada a professores provisórios ter sido, também, muito insufficiente. E' certo, porém, que as maiores deficiências resolver-se-ão pouco a pouco, sendo muito de apreciar os esforços que vêm sendo empregados pelo sr. Engenheiro Francisco Nobre Guedes, digno Director Geral do Ensino Técnico, no sentido de melhorar e de aperfeiçoar este importantíssimo ramo de ensino. De facto, sua excelência tem sido incansável e muito já tem conseguido, porque, se assim não fôra, o mal ter-se-ia alastrado muito mais, sob todos os pontos de vista. De esperar é, pois, que melhores dias estejam reservados a um mais amplo e mais profícuo progresso das Escolas Técnicas Elementares de Portugal.

E sobre o mesmo assunto, direi mais qualquer coisa no próximo número.

RAMIO.

Assina! o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Ainda as importantes FESTAS DA CIDADE

A direcção da Associação Commercial e Industrial de Guimarães recebeu, há dias, do ex.^{mo} sr. Tenente Fernandes Fão, illustre maestro e chefe da Banda da Armada Portuguesa, o seguinte telegrama, a que gostosamente damos publicidade:

Presidente Associação Commercial e Industrial de Guimarães — Banda Musica Armada reconhecidamente agradece na pessoa de V. Ex.^a maneira cativante e carinhosa como foi recebida e tratada pelo nobre e hospitaleiro povo de Guimarães.

Damos a seguir a lista dos prêmios que foram conferidos durante as Feiras Francas de S. Gualter:

Gado bovino — 1.^a classe — Raça Barrosã — 1.^a secção — Touro reprodutor (2 a 6 anos).

1.^o prémio, 1 libra — José Pereira, do

lugar de Requião, freguesia de S. João da Ponte (Guimarães); 2.^o prémio, 1/2 libra — José Baptista, de S. Vicente de Passos, Fafe.

2.^a secção (vacas isoladas) 2 a 8 anos. 1.^o prémio, 1 libra — António Lopes Ribeiro, de Azurem (Guimarães).

2.^o Prémio, 1/2 libra — Manuel de Freitas Castro, de Azurem (Guimarães).

3.^a secção (junta de vacas de 2 a 8 anos). 1.^o prémio, 2 libras — Manuel Ferreira de Moura, de Eiriz, Paços de Ferreira.

2.^o prémio, 1/2 — José Rodrigues, de Gondar (Guimarães).

4.^a secção — (bois de trabalho). 1.^o prémio, 1 libra — António Joaquim de Sousa Marinho, de Gominhães (Guimarães).

2.^o prémio, 1/2 libra — José Pereira de Lima, de Creixomil (Guimarães).

5.^a secção (bois de ceva). 1.^o prémio, 1 libra — João Lopes, de Serzedo (Guimarães).

2.^o prémio, 1/2 libra — João Francisco Mendes, de Pinheiro (Guimarães).

2.^a classe — Gado leiteiro.

1.^a secção — Touro reprodutor, raça turina, holandesa, ou seus produtores de cruzamento (2 a 6 anos).

1.^o prémio, 1 libra — José Rodrigues, de Gondar (Guimarães).

2.^o prémio, 1/2 libra — Fernando Ferreira, de Santa Eulália de Barrosas, concelho de Lousada.

2.^a secção (vacas isoladas raça turi-

na, holandesa ou seus produtores de cruzamento (2 a 8 anos).

1.^o prémio, 1 libra — Anastácio Napoleão de Miranda Coelho, da freguesia de Santa Eulália de Barrosas, concelho de Lousada.

2.^o prémio, 1/2 libra — José de Oliveira, da freguesia de S. Salvador de Britos (Guimarães).

Gado cavalor — Secção única — (Eguas de criação 4 a 10 anos).

1.^o prémio, 1 libra — Amandio Alves, de Quinchães, Fafe.

Corrida de cavalos — 1.^o prémio, 1 libra em ouro e um objecto de arte — João Teixeira, que fez o percurso de 500 metros (ida e volta) em 46 segundos.

2.^o prémio, 1/2 libra — António Ribeiro Moreira, que fez o mesmo percurso, em 46 segundos e 3/5.

*

A notícia que publicamos, no nosso último número, sobre as Festas da Cidade, saiu com algumas gralhas, o que a paciência dos nossos bondosos leitores facilmente deve ter compreendido. Que nos desculpem.

Visado pela Comissão de Censura.

Foi pouco concorrida, a missa celebrada no último sábado, na Basilica de S. Pedro, por alma do saudoso Cónego José Maria Gomes. Esta notícia que bastante nos penalisa vem confirmar mais uma vez a ingratidão dos homens, a ingratidão dos vimaranenses — neste caso — que muito devem ao querido morto.

Ele, como nenhum dos nossos homens de hoje, graças ao prestígio de que gozava nos meios políticos de então, conseguiu, em 1917 — neste mês de Agosto — elevar a Central o nosso — hoje Nacional — Liceu de Martins Sarmiento.

Não sendo vimaranense, alguma coisa de grande e de importante fez pela nossa terra e, que-re-nos parecer, se fôsse vivo, não estaria o nosso Liceu, neste ano de 1933, em tão baixa categoria. Triste andar dos tempos!

Saltaram, dos caixotins das tipografias, quantos adjetivos havia para elevar, ao ponto de justiça, um homem, que pela sua honestidade e pelas suas qualidades de trabalho, é credor de admiração. Verificamos, porém, que S. Ex.^a se deixa levar pelo *doce canto da Sereia*... e lembramos-lhe mais prudência em certas atitudes, para não desmerecer dos créditos que tem entre todos.

Nós também somos pela Ordem, e não gostamos que ela seja alterada, por principio algum, mas muito menos por capricho ou exhibição irritante.

Ferros Curtos

Prezado Doutor Milhão

E illustre Vereador:

— Um pouquinho de atenção

— De atenção, — se faz favor.

Vou-lhe contar uma scena, Passada, há dias. Um cão, Encontrando-me (faz pena!), Na Rua de Dom João, Traduziu-me em voz serena:

— «Em tempos que já lá vão, Qualquer cachorro ou cão Tinha as honras — quem diria! — De «Fidalgo» de «Barão» E, se acaso elle fugia P'ra longe — sei lá p'ra onde —, — Porque título não queria —, Faziam-no — que arrelia! — Nada menos de «Visconde»...

Bons tempos êsses, então, Valia a pena ser cão!

Ora, hoje, tudo é torto! Humilhante condição! Sem título e sem conforto, Lazarentíssimo cão Não tem onde cair morto...

Tudo lhe é adverso e hostil, Nesta luta de viver, Nem ao menos um canil Onde um cão possa morrer, Ou esticar o pernil!

(E o rafeiro Amarelo Ia mordendo o seu pelo!)

Fôsse eu Leão da Matola, Desprezava todo o ardil; Sim! Já não receio a bôla, Mas a falta dum canil! —

Assim disse o Amarelo, E falou-me ao coração: — Aqui deixo o seu apêlo, Meu caro Doutor Milhão!

BANDARILHEIRO.

LOÇÃO MIN-HOR

(CIENTÍFICA COMBINAÇÃO QUÍMICA)

Restitui aos cabelos a sua cor primitiva. Não mancha a pele nem a roupa. Vende-se em todas as boas farmácias.

Preparação do Laboratório "XORUS,"

Uma entrevista oportuna

Abancado à mesa do café, saboreando a aromática bebida, tem o jornalista, muitas vezes, ocasião de apreciar factos interessantíssimos para a sua missão.

Em geral o café é o centro de reunião onde se ventilam e discutem os mais palpitantes assuntos regionais. Assim é que em Guimarães ouvimos falar em obras das avenidas, que devem ser encaradas como pontos principais da cidade e por isso mesmo carinhosamente alindadas; ao abandono em que se deixam os nossos bonitos jardins; da falta de água; da falta de policiamento; da marcha lenta das obras que mais virão a contribuir para a beleza cidadina; da vida miserável da população obreira, etc. O jornalista, houve atento a tudo, procura gravar na sua imaginação todas as impressões colhidas, para oportunamente as transmitir à sua folha. E quando o assunto é palpitante vai também intrometer-se na conversa, pergunta, inquire.

Há dias falava-se numa reunião dos nossos operários e procurava-se atribuir muita miséria orgânica à má qualidade dos géneros alimentícios. Não oscilamos um momento, dirigindo-nos a alguém que no grupo se encontrava discutindo o assunto com verdadeiros conhecimentos técnicos.

— Na sua opinião a miséria orgânica deve-se em grande parte aos géneros de consumo?

— Na minha opinião e na opinião de toda a gente sensata. Respondo-nos o ilustre Bromatologista sr. Dr. Manuel Jesus de Sousa. E' evidente que o operário, para ter boa saúde — como de resto toda a gente — e ser um ente de vitalidade carece de alimentos completos e inalteráveis, que levem ao seu organismo tudo quanto é capaz de reparar a perda das partes sólidas ou fluidas do nosso corpo: ou como se diz em medicina — Proteínas, Gorduras, hidratos de Carbono e Vitaminas — num mínimo para a manutenção da vida. E todos nós sabemos que o operário, pela exiguidade dos seus recursos, recorre sempre aos géneros alimentícios mais baratos, que são precisamente aquelas que no mercado aparecem menos próprios.

— Porque lhe chama menos próprios?

Porque a maior parte das vezes esses géneros não tem condições de nutrição, faltando-lhe os elementos essenciais, quer por má conservação, quer por falsificação, infelizmente tantas vezes verificada. E note: sendo o operário tão banal na sua alimentação, limitando-se a géneros de primeira necessidade absolutamente indispensáveis, para não morrer de fome, necessário e justo seria que a esses géneros não faltassem as calorias e vitaminas que lhe são devidas.

— Mas não é verdade que em geral o operário encontre em boas condições o seu principal alimento, o pão?

— Nem sempre. O pão que o operário consome tem geralmente um grau de humidade superior ao que lhes restringem os métodos oficiais em vigor e a farinha tendo por vezes farelos de mistura, fazem-lhe diminuir a riqueza em *Gluten* diminuindo-lhe assim a sua capacidade nutritiva.

De resto, não é só o pão o alimento essencial. Tanto ou mais do que ele lhe é indispensável o leite.

E estes dois produtos de alimentação, para não falar em outros, deveriam ser fornecidos ao operário com todas as suas qualidades de nutrição.

— E sem dúvida, são, parecem-nos.

Os padeiros fabricam o pão com todos os cuidados e nisso são sempre fiscalizados e o leite não pode ser adulterado, pela maneira como é vendido, em vasilhas seladas.

— Quere dizer que, na sua opinião, não se podem falsificar

estes géneros. E o que se diz destes, dir-se-á, em igual motivo dos restantes.

Aí é que está o erro de muita gente. É preciso de facto, que exista uma fiscalização rigorosa dos géneros alimentícios, fiscalização que oficialmente nos é imaginária.

— Imaginária sim, porque não basta olhar para os géneros para se poder deduzir da sua boa ou má qualidade. Não basta que o leite, à entrada das barreiras, seja submetido ao Lactodensímetro e lacrado. Com este sistema comzinho, quantos leites falsificados terão sido dados como puros e quantos leites puros terão sido dados como impróprios! É preciso colher amostras e examiná-las em estabelecimentos apropriados. Determinar o poder energético dos géneros; estudar as causas da sua inferioridade e os processos de melhorá-las.

— E' para isso que entende V. necessário?

A existência de um laboratório de higiene com pessoal técnico competente.

— Mas já ouvimos dizer que se pensa nisso e que vai ser votada pela Câmara Municipal uma verba para esse fim.

Também nós já ouvimos isso mesmo e não podemos deixar de regosijar-nos com essa deliberação. Mas, note uma coisa. Não se trata de um facto novo em Guimarães. A fiscalização dos géneros, já em tempo foi encarada com verdadeiro empenho de torná-la vantajosa, criando-se um laboratório que prestou notáveis serviços, graças ao espírito da vereação a que brilhantemente presidiu o Ex.^{mo} Capitão Duarte Fraga.

— Mas esse laboratório, dizem que foi extinto por não satisfazer.

Puro engano. Tanto o laboratório satisfazia que depois da vistoria por um delegado da Direcção Geral de Saúde, que indicou a aquisição de mais dois pequenos aparelhos, ele ia ser classificado Laboratório de higiene. Mas a vereação que sucedeu à do Ex.^{mo} Capitão Fraga entendeu que devia destruir tudo o que tanto dinheiro tinha custado ao Município e inibindo-nos assim de possuir-mos devidamente analisados os géneros de consumo.

— E que é feito desse arsenal, que nos dizem ser valioso?

Era de facto valioso, pelo seu custo e ainda pelas vantagens que trazia ao Município, mas desapareceu, seguindo caminhos vários.

— E sem existência de um Laboratório não se pode garantir a pureza dos géneros?

Evidentemente que não. A maior parte das doenças transmitidas pelo leite são originadas, [na maioria não pela sua alteração química que possa sofrer por uma falsificação, mas — o que é muito frequente nesta época de calor — pela sua transformação fisiológica, e estas só bacteriológicamente podem averiguar-se.

— Esse assunto deve ser interessantíssimo e parece-nos da maior oportunidade. Muito desejariamos, por isso, vê-lo tratado nas colunas do nosso jornal. Vai o meu amigo tratá-lo, desculpe-me a intimação.

— A grande expansão que têm os produtos do Laboratório Hórus em todo o continente, ilhas e colónias e ainda a assistência que presto à minha farmácia não me deixam tempo para escrever artigos, mas como o assunto é interessante e até certo ponto útil para quem o ler, satisfarei, logo que me seja possível, os seus desejos.

Alguém que surgiu neste momento veio interromper a nossa conversa e demo-la, por isso, por terminada sem podermos sequer agradecer ao nosso entrevistado a atenção que nos dispensou.

Ficamos aguardando, agora, as suas palavras de justiça.

"Dentro e fora de Portugal"

Entre o escol dos nossos Homens de Letras o nome de Augusto de Castro brilha qual Vénus feiteira no Firmamento de anil.

E' já de vulto a obra do Embaixador ilustre. E a sua prosa de vernáculo corrente e fúlgido vai sempre acentuando bem marcada a nota da singeleza e do equilíbrio.

São de particular interesse e de fino bom-gosto as suas imagens tão doces e tão lindas e tão altas, e é continuamente repleto de bom sabor o correr e a elegância do seu escrever sem rival.

Antero é mais trabalhado; Augusto é mais espontâneo.

Antero calca na bigorna depuradora da sua caneta as frases perfeitas do seu esforço estilístico; Augusto deixa correr velozes da sua pena as ondas mansas do seu escrever de sã naturalidade.

Audiências, discursos, conferências, entrevistas, crónicas, à volta de Bento XV e Maria Amália e António Cândido e D. João da Câmara e Molière e Portugal, tudo são assuntos tratados com aquele carinho tão seu e aquela eloquência tão equilibrada e aquela maneira tão gentil que a gente chega ao fim do livro lindo e fica a ter pena de ele acabar tão depressa.

Verdadeiramente a nossa Diplomacia tem em Augusto de Castro uma das mais veneráveis Figuras entre as maiores e a nossa Literatura tem nos seus livros um dos mais fecundos mananciais de prosa modelar.

G.

As minhas impressões

XIV

Meu amigo:

E' a primeira vez que me vejo obrigado a não fazer-te a vontade, porque quero manter-me *alheio* ao que se passa com a policia, que, actualmente, está a fazer serviço nesta cidade. Não sei nem me interessa saber quais os motivos que as autoridades locais têm para *correrem* com ela. Pelo que me dizes na tua carta, sabes mais do que eu, e esta circunstância seria o bastante para não perder tempo com tal assunto. Por aqui, tenho ouvido várias versões, mas a nenhuma delas tenho ligado importância. Portanto, se há ou não má vontade contra ela, isso é coisa que não posso afirmar, mesmo porque não tenho elementos para o fazer. Também não sei se, como te disseram, tudo anda à volta de questões anteriores, em virtude das quais alguém ficou despeitado. Entendo, porém, que a deslocação de um guarda não seria a origem da atitude ultimamente tomada pela digna Comissão Administrativa da Câmara. Quanto a mim — e esta é a minha opinião pessoal — os serviços da policia se não são exemplares também não são de todo condenáveis e, além disso, quando há, numa corporação como esta, quem não cumpre com os seus deveres, castiga-se esse alguém. Não quero, com isto, arvorar-me em defensor dos atingidos, tanto mais que já tenho censurado alguns dos seus serviços. Mas como o erro é próprio dos homens, não tomo essas faltas como fundamento justificável para se *corraçar* uma corporação inteira, onde há alguém que se aproveite. Sobre a sua substituição por um corpo de policia camarária, agouro muito os resultados desta experiência. Pode ser que se verifique o contrário daquilo que eu penso, mas em todo caso não deixo de continuar a ter as minhas dúvidas.

Será assim?
Não será assim?
O tempo — que é o melhor mestre e o mais seguro conselheiro da vida — o provará. E nada mais tenho a dizer-te relativamente a este assunto, esperando que não leves a mal a minha repugnância em alongar-me mais acerca d'ele. Quem te informou do que já sabes, que te informe do mais que desejas saber, porque, naturalmente, não o ignora.

Um grande abraço do teu muito amigo

Miora.

Guimarães, 17-VIII-933.

CASA DAS GRAVATAS

M pelo seu sortido
R pelos seus preços
A pelo seu fino gosto
O pela sua escolhida clientela
A pelas suas novidades

Exumações do Passado

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

II

AÇOUQUES

No nosso labor insano de investigações a que nos temos dedicado, só podemos conseguir referências sobre o assunto desde o tempo do rei Afonso III, pois num documento coevo afirma-se que este nosso monarca quizera em 1263 satisfazer o prejuizo causado ao Cabido da colegiada de Guimarães pela perda dos foros impostos nos casos demolidos para se fazerem os açougues. Porém, parece-nos que em mais remotas eras já existiam na rua do Anjo.

A'cerca dos açougues durante a primeira dinastia nada mais logramos saber, não obstante termos-lhes dedicado algumas canseiras para tornar o assunto mais desenvolvido e completo. Contudo ainda não perdemos a esperança dum dia o fazermos.

Na segunda dinastia sabemos que D. João I, o inculto Mestre de Aviz, era tão afeiçoado à sua colegiada que, por um acto de generosidade e munificência deu aos *magníficos, honrados e venerandos* D. Prior, Cabido, cônegos, dignidades e beneficiados da mesma o privilégio de serem servidos de *carne e pescado* primeiro que outrem, cominando aos almotacés pesadas multas se não cumprissem esta sua determinação, pois aquelas entidades se lhe queixaram que eram obrigados a *horrorizar-se as Matinas* e outras *interas canónicas*, abandonando a igreja e deixando-a só, para irem ao açougue fornecer-se, onde se demoravam muito tempo. Este privilégio foi confirmado pelo rei, D. João III, assim como por D. Sebastião em 1576, em Almeirim. Já, anteriormente, aquê D. João I determinara às justças de Guimarães que mandassem dar, em primeiro lugar *carne e pescado* e outros mantimentos do pessoal eclesiástico da sua colegiada, o que foi corroborado por D. Manuel I.

No intervalo do rei D. João I a D. João III, foi criado um açougue privativo para o pessoal da colegiada.

E tanto assim que o segundo destes reis concedeu aos cônegos e Cabido da igreja de Guimarães a prerrogativa de terem na vila um carneiro e picadeiro que lhes trouxessem carne, podendo andar em *facas e sendeiros*. Em 1607 vendia-se a carne neste açougue à razão de 10 reis cada arrá-tel. D. João V fez a mercê a este açougue de o isentar do pagamento de direitos, matando e cortando somente 4 bois, ficando porém obrigado a satisfazê-los quando o número de rézes abattidas fôsse maior. E determinou mais, que a carne não fôsse corrupta nem de réz morbosa, e morte de contágio que *podesse prejudicar a saúde dos povos*.

No reinado de D. Maria I, em 1785 o Cabido pediu á Mesa do Desembargo do Paço que o marchante deste açougue podesse matar a quantidade de bois que quizesse sem constrangimento da Câmara a fazer-lhe obriga.

Mas para melhor elucidação do que acima dissemos, vamos narrar *ipsis verbis* o que consta dum documento inserto no livro 255 do antigo Ministério do Reino, arquivado na Torre do Tombo, da qual consta a informação que sobre o assunto deu o procurador da Corôa: *... que como o número de dignidades, cônegos, capelães e mais pessoal do corpo e serviço da insigne colegiada não tenha aumentado depois da Provisão de 12 de Junho de 1724 em que D. João V lhes fez mercê de que, cortando-se no seu açougue 4 bois não pagassem direitos alguns da carne dêles e que só fôssem obrigados a pagá-los de maior número de vezes que nêles se cortassem: parecia-lhe que ao dito respeito se devia observar, sem alteração da dita Provisão, por quanto, querendo os suplican-*

tes que o seu marchante não meta no açougue mais que 4 bois, poderá o mesmo marchante e açougue não serem sujeitos ao senado da câmara, suponde-se não pelo que toca à qualidade da carne que nela se cortar para que não seja corrupta nem de rez morbosa e morte de contágio que possa prejudicar a saúde dos povos, ficando tudo o mais que pertence aos pesos e à taxa inteira muito livre da inspecção do senado e tão somente dependente do almotacé do Cabido. Querendo porém o marchante vender, no dito açougue, ao povo os sobejos dos ditos 4 bois ou maior número de vezes, o que parecia ser-lhe permitido na dita Provisão de 1724 com tanto que pague direitos do que passam dos 4 isentos dêles; deverá então sujeitar-se à inspecção do senado da Câmara também pelo que toca aos pesos e à taxa por que a vender ao povo e poderia o seu açougue ser visitado pelo senado em razão da venda que se fizer nele ao povo. Quanto à obrigação do marchante do Cabido ao senado parecia-lhe que não podia ser sem ofensa do privilégio do Cabido. — Lisboa, 20 de Setembro de 1785. — Tem o parecer de el-rei datado de Queluz em 4 de Outubro do mesmo ano.

Os reis concederam a este açougue dos eclesiásticos vários privilégios.

O outro ou outros destinados ao público eram obrigados ao fornecimento, em todas as festas, dum touro para a tourada que por esse motivo se realizasse. Porém o dos cônegos estava isento dessa obrigatoriedade, por sanção régia, mercê esta com que o marchante do açougue dos leigos embirrava. Para confirmação do que afirmamos basta dizer-mos que em 1629 foi preso e multado o marchante do açougue eclesiástico por não ter dado o tal touro para aquê referido fim. Mas o rei, sabendo isto, confirmou a dita isenção e mandou soltar o preso.

Os almotacés muitas vezes não cumpriam as determinações régias, principalmente o que ordenava aquê Provisão, motivo por que foram compelidos ao seu cumprimento por uma sentença dada pela Relação do Porto.

Os frades capuchos de Santo António de Guimarães, recebiam todas as 3.^{as} feiras e sábados de cada semana uma perna de vaca dada pelo açougue do povo e os de S. Francisco recebiam um vintém por cada lombo de vaca que no mesmo açougue se vendesse, determinação que durou até 1700. Dêsse ano por diante — segundo uma Provisão régia — começaram os mesmos frades a receber dois lombos da mesma carne, livres de qualquer imposto.

Em 1535 os oficiais mecânicos de Guimarães e povo miúdo, pediram a D. João III, por intermédio dos seus procuradores às côrtes de Évora que lhes fôsse dado um açougue ou talho onde se cortasse carne para eles, apartado do outro em que eram fornecidas as pessoas mais nobres da terra, porquanto acontecia irem algumas pobres aquê açougue e estarem ali todo o dia e não serem servidas. O rei, por carta datada e assinada em Évora, deu a autorização, mandando aos juizes e oficiais da câmara que deixassem aos referidos mecânicos e pessoas pobres e do dovo terem talho de carne, apartado para si e carneiro que a cortasse no açougue dela e a repartissem entre si conforme lhes parecesse e pelo preço que se cortasse nos outros açougues da mesma vila para as outras pessoas e cumprisse as posturas bem como a ordenação da vila sobre o assunto.

Naquê mesmo ano de 1629 a Câmara mandou também noti-

Regionalismo

Uma iniciativa do Grémio do Minho que interessa a todo o Norte

O Grémio do Minho está-se dirigindo às Associações Comerciais e aos produtores da antiga Província de Entre Douro e Minho, afim de que o coadjuvem na organização, nas suas salas, de mostruários permanentes de toda a produção do Norte.

A imprensa já foram comunicadas várias e valiosas adesões, sendo de esperar que esta iniciativa do Grémio do Minho, pelo que representa de útil e prático, constitua um autêntico acontecimento.

Apesar de só agora vinda a público, a interessante ideia tem sido recebida com o maior entusiasmo, tendo já sido oferecidos mostruários completos e valiosos pelas seguintes firmas:

João Magalhães, representante em Lisboa dos vinhos Wanzeller; Carvões de S. Pedro da Cova; Queiroz & C.ª, Ltd.ª, Fábrica de meias e peúgas, Tenões-Braga; Rodolfo Cardoso, representante da Sociedade de Lanifícios de Padornelo; Octávio Silva, representante da Textil das Azenhas Novas, Ltd.ª (Vizela); Fábrica de Passamanaria de Manuel Soares da Silva Júnior (Pôrto); Cassaigne & C.ª, Ltd.ª, Fábrica de botões (Pôrto); Rodolfo Cardoso, representando a Fábrica de Sedas de António Pereira de Lima (Trofa).

A Direcção resolveu realizar, na sua sede, uma sessão de homenagem a todos os industriais da Província que representa e que foram premiados na Exposição Industrial Portuguesa.

QUINTA

Vende-se na freguesia de Nespereira, a 15 minutos do Apeadeiro do Caminho de Ferro.

Tem boa casa de senhoria, com boas lojas, lagares e casas para caseiros.

Bons terrenos lavradores e bem avariados, abundância de água, ramadas, grandes sortes de mato, grandes montados de pinheiros, carvalhos e eucaliptos, tudo junto.

Informa, João Garcia — Drograria do Toural — Guimarães.

IMPRESSA

«Semana»

Este nosso ilustre colega portuense, dirigido por um núcleo de vigorosos jornalistas, entrou, após uma demorada interrupção, numa nova fase, apresentando, além das variadas secções que mantinha, a mais completa e cuidada informação de Lisboa, Pôrto e Província, bem como do Estrangeiro.

É posto à venda às segundas-feiras, de manhã, em todo o país.

Agradecemos a visita, e vamos permutar.

ficar ao carnicheiro do Cabido que, sob pena de 6 mil reis, para o concelho e acusador e 30 dias de cadeia, não matasse mais bois que os do contracto.

Em 1724, por uma Provisão-régia, foi determinado que durante 8 anos se desse aos frades de S. Francisco, pelo seu dinheiro, em cada um dos dois dias da semana — 3.ªs feiras e sábados — uma perna de vaca e pescado, havendo-o e que por igual se fornecesse ao povo.

Eis o que por enquanto conseguimos saber sob este interessante assunto.

P.ª ALBERTO GONÇALVES.

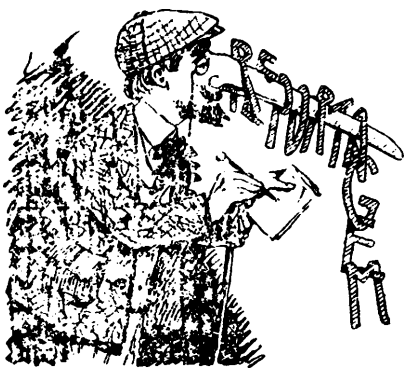
Liga dos Combatentes da Grande Guerra

A Direcção da Sub-Agência de Guimarães, convida os sócios da Liga, cujo domicílio é desconhecido, a apresentarem-se na sede da referida Sub-Agência, por si ou por seus representantes, afim de tomarem conhecimento de assuntos de interesse próprios e outros de indiscutível vantagem para as prosperidades da Liga.

A falta de comparência no prazo máximo de 30 dias, a contar da presente data, dará lugar ao procedimento indicado pelo artigo 18.º dos respectivos Estatutos. Guimarães, 15 de Agosto-1933.

O Presidente da Direcção,

José António de Matos Júnior.



Peregrinação à Penha — No dia 10 de Setembro próximo, deve realizar-se a grande Peregrinação anual à Virgem da Penha.

Em nome da Comissão organizadora, Monsenhor João Ribeiro, mandou distribuir a seguinte circular:

Com muita antecedência, pelo grande empenho que temos de que ninguém falte, tenho a honra de convidar V. Rev.ª, em nome da Comissão Promotora, bem como todas as associações de piedade dessa freguesia, para a grande Peregrinação a Nossa Senhora da Penha, em 10 de Setembro próximo.

Duplamente jubiloso para os filhos e devotos de Maria Santíssima é este ano Santo, em que se comemora o XIX Centenário da sua Maternidade e as bodas de diamante da sua providencial Aparição em Lourdes. Impõe-se-nos, pois, o gratíssimo dever de prestarmos todos, em hora tão solene, um tributo eloquente de fé e amor à nossa amantíssima Mãe e excelsa Rainha, realizando com o máximo esplendor e concorrência a nossa Peregrinação anual.

Como preparação para ela, haverá, na Igreja da Colegiada, um piedoso Tríduo, com pregação às 20 horas.

No dia 9, às 21 horas, após o sermão, sairá do mesmo templo uma imponente Procissão de velas, que levará em triunfo a imagem de Nossa Senhora de Lourdes.

Ao recolher, começará a Adoração Solene ao Santíssimo Sacramento, exposto no trono durante a noite, começando às 4 1/2 horas a celebração das Missas e a distribuição da Sagrada Comunhão.

Finalmente, no dia 10, organizar-se-á pelas 8 horas, no Campo da Feira, a Grandiosa Peregrinação, que às 8 1/2 horas, há-de estar em marcha para a Montanha Santa, devendo passar em Belos-Ares pelas 10 horas. Na Penha, imediatamente, depois de chegada, terão lugar a Missa Campal e os actos do costume. Digne-se V. Rev.ª, como todos esperamos, contribuir com todo o seu zelo e boa vontade para que resulte brilhantíssima esta homenagem do nosso amor filial, que bem merecerá de Deus e de sua Augusta Mãe.

Dr. Jerónimo Rocha — Partiu, há dias, para Coimbra, seguindo depois para Biarritz, o nosso distinto conterrâneo, sr. Dr. Jerónimo Martins da Rocha. Desejamos-lhe boa viagem.

Dr. Aires d'Azevedo — Com sua ex.ª família, partiu para Caldas, a uso de águas, o sr. Dr. João Aires d'Azevedo, ilustre Conservador do Registo Predial.

«Dia do Bombeiro» — A Corporação dos B. V. de Guimarães, festejou, ante-hontem, com diversas manifestações festivas, o «Dia do Bombeiro».

As viaturas percorreram as ruas.

Festividade à Padroeira — Na terça-feira, realizou-se, no templo de Nossa Senhora da Oliveira, a festividade anual, em honra da Padroeira da cidade, tendo prégado com muita eloquência, o distinto orador sacro, rev. dr. Paulo Durão Alves, que foi religiosamente escutado por um numeroso e selecto auditório que enchia literalmente o espaçoso templo, luxuosamente de-

Batalha de Aljubarrota

A sua comemoração

A expensas da Câmara Municipal, realizou-se no passado dia 14, no histórico Padrão de Nossa Senhora das Vitórias, junto ao majestoso templo de Santa Maria da Oliveira, a festa do «Pelote», em comemoração da Batalha de Aljubarrota, a que assistiram, em lugar reservado, as autoridades civis, militares e eclesiásticas e várias entidades, muitas senhoras, etc., e os representantes das colectividades locais, com os seus estandartes.

Foi celebrada missa campal, tendo subido a um púlpito improvisado, após esta cerimónia, o rev. dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos, que pronunciou uma brilhante e patriótica alocução, alusiva ao soleníssimo acto.

Depois de fazer, em breves palavras, a reconstituição da renhida peleja, de 14 de Agosto de 1385, referiu-se às Figuras de D. João I, Nun'Alvares e outros que, unindo à Espada a Cruz, nos deram, em Aljubarrota, um dos maiores exemplos de heróica do Povo Português.

corado pelo hábil armador e nosso amigo, sr. João Augusto Passos.

Após o sermão, saiu do magestoso templo, às 10 horas, uma grande procissão, em que se incorporaram diversas irmandades e confrarias, Seminário, Clero e um elevado número de figurado, vestido com muito gosto.

O santo Lenho, era conduzido pelo rev. Cônego Vasconcelos.

O religioso preito percorreu as ruas da cidade, por extensas alas de populares.

Délivrance — Teve a sua «délivrance», dando à luz uma criança do sexo masculino, a dedicada esposa do nosso prezado amigo e estimado vimezanense, sr. António de Sousa Lima, a quem, por tal motivo, felicitamos.

Novo administrador do concelho — Foi, há dias, nomeado administrador do concelho, funções que já assumiu, o sr. Manuel Augusto de Saraiva Carvalho Brandão, activo vereador do pelouro das obras.

Embora tarde, felicitamos a nova autoridade administrativa, desejando-lhe as maiores felicidades no desempenho do espinhoso cargo.

Excursão de Tomar — Como já noticiamos, visita, hoje, esta cidade, onde chegará às 15 horas, uma grande excursão de Tomar, que será festivamente recebida, estando-lhe preparada, pelos briosos e incansáveis Empregados de Comércio, uma carinhosa recepção.

Que seja benvinda.

Pó de Arroz

LADY

Se V. Ex.ª deseja conservar a beleza da sua pele, use na sua «toilette» o inconfundível **Pó de Arroz LADY**. Acondicionado em caixas de luxo. Última criação de **LOPES, Ltd.** Vende-se nas boas casas desta praça.

Aos amadores fotográficos

A casa **BENAMOR**, no Toural, encarrega-se de todos os trabalhos fotográficos. Tem à venda todos os artigos Kodak. Grande sortido de máquinas fotográficas, rollos e chapas.

Artigos de Papelaria, Tabacos, Lotaria, objectos de Escritório e Perfumarias.

Automóvel «AUSTIN», 10 H. P.

Do sortido das FESTAS GUALTERIANAS

Vende-se, novo. Recebem-se propostas nesta Redacção.

“20 Azautes de D. Afonso Henriques.”

Realizou-se, há dias, a eleição dos novos corpos gerentes deste grupo recreativo, para o ano de 1934, que deu o seguinte resultado:

Direcção — Presidente, António Dantas; Secretário, José Soares Bastos; Tesoureiro, António Claro.

Assembleia Geral — Presidente, Domingos da Silva Braga; Vice-Presidente, Domingos Dantas; Secretário, João Ferreira Rodrigues.

Conselho Fiscal — José Dias, Elísio Brites e António Gonçalves.

Notícias pessoais

Passou, na última segunda-feira, o aniversário natalício do nosso querido amigo, sr. Apriégio Neves de Castro, muito digno e inteligente Aspirante de Finanças do concelho.

Os nossos sinceros cumprimentos de parabéns.

— Fez anos, na passada terça-feira, o nosso amigo sr. Carlos Teixeira Pinto, a quem felicitamos.

— Deu-nos o prazer da sua visita, o nosso amigo e activo empregado viajante, sr. José Rodrigues Braga.

Falecimentos

D. Custódia Martins Gonçalves

Confortada com todos os sacramentos da Igreja, faleceu na terça-feira passada, na sua residência da rua de Alcobaça, contando 73 anos de idade, a sr.ª D. Custódia Martins Gonçalves, extremosa mãe dos srs. Dr. Nicolau da Silva Gonçalves, clínico em Braga, P.ª Domingos da Silva Gonçalves, zeloso director das Oficinas de S. José de Guimarães e José da Silva Gonçalves.

O funeral da bondosa senhora, cuja morte foi muito sentida, realizou-se na quinta-feira, no templo paroquial de S. Paio, perante numerosa e selecta assistência, entre a qual se viam as casas de caridade, representantes das corporações religiosas, clero e muitas pessoas de todas as camadas sociais.

O cadáver foi, após os ofícios fúnebres, trasladado com numeroso acompanhamento para o cemitério municipal, onde ficou encerrado em jazigo de família.

A toda a família enlutada apresentamos sentidas condolências.

Devido a uma funesta ocorrência, apareceu morto, em sua própria casa, na rua D. João I, na manhã de segunda-feira, o antigo cocheiro Manuel Fardelos, que contava 55 anos de idade.

Fala Pedro, o Cruel

(De Marcelino Mesquita)

«Escrivã, escreverás—que o saiba todo o mundo! Que, um dia, um pobre rei, preso d'amor profundo, Desse amor ante o qual morre o poder da terra, Entre ódios e paixões, chegou à luta, à guerra, Contra o pai, contra a mãe, jogando a própria vida, Pra colocar no trono a sua dama querida! E, que, como por fim, até Deus—o mais forte—Lha arrancasse cruel, zombou da própria morte, Fazendo reviver a miséria, a mesquinha, Em toda a majestade e graça de rainha! E, escreverás por fim, se consciência tens: Que uma ourivesaria existe em Guimarães, Rica em instalações e rica em jóias finas, Conforme o mostruário exposto nas vitrinas, Objectos de valor, prendas de gosto e arte. Difíceis de encontrar em qualquer outra parte, Que o povo a não esqueça, havendo precisão: A de José Fernandes — Rua Paio Galvão!

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Vida Desportiva

Tiro aos pombos

No Pevidém, realizou-se, na terça-feira passada, um importante torneio de tiro aos pombos, para o apuramento do campeonato de tiro do «Grémio Industrial de Pevidém», ficando classificado o sr. Alfredo Correia, numa série completa de 20 pombos.

Os atiradores que disputaram o título de campeão, eram em número de seis.

No mesmo dia e no mesmo local, realizou-se um outro torneio, que teve a seguinte classificação:

1.º prémio, José Cunha; 2.º, José Augusto Ribeiro de Abreu; 3.º, Manuel Machado; 4.º, Manuel Gonçalves.

S. C. Misericórdia de Guimarães

Hospital Geral de Santo António

Movimento hospitalar no mês de Junho de 1933:

Consultas no Banco, 450. Receitas abonadas a doentes externos, 243.

Parturientes recolhidas, 5. Crianças nascidas, 5, sendo 4 do sexo masculino e 1 do sexo feminino.

Doentes existentes no último dia de Maio 80.

Doentes entrados durante o mês, 84.

Doentes saídos: Curados, 60;

Melhorados, 23;

No mesmo estado, 7;

Falecidos, 4.

Ficaram existindo no último dia de Junho 70.

No balneário foram dados 214 banhos.

Operações de grande e pequena cirurgia, 43.

Curativos no Banco, 1.202.

Injecções aplicadas, 705.

Aplicações eléctricas, 291.

Hospital António Francisco Guimarães (Vizela)

Consultas no Banco, 15.

Doentes existentes no ultimo dia de Maio, 14.

Doentes entrados durante o mês, 9.

Doentes saídos: Curados, 4.

Melhorados, 5.

No mesmo estado, 2.

Falecidos, 1.

Ficaram existindo no último dia de Junho, 11.

Curativos feitos no Banco, 99.

Injecções aplicadas, 100.

Operações de pequena cirurgia, 2.

Electricista - montador

ex-empregado da H. B. C. e Siemens, L.ª, encarrega-se da montagem de luz e força-motriz, cabines de transformação e centrais.

Chamadas: Manuel Alves Guimarães, Rua D. João I, 15--Guimarães.

Quem pretender comprar um prédio para habitação nesta cidade, dirija-se ao sr. Benjamim de Matos, proprietário da

CASA HIGH-LIFE.

Vende-se um prédio novo, na Rua da Arcéla, com boas lojas, e bem construído, em pedra, acima da linha férrea.

Fala-se na Rua Dr. Avelino Germano N.º 40.

ORIENTAL

A RAÍNSA DAS PASTAS PARA DENTES

Vende-se nas boas casas desta cidade

◆ RÁDIO ◆

Receptores, desde 1.000\$00
ATWATER KENTE

ABÍLIO MARTINS em Guimarães

Esplêndidos e confortáveis quartos. Ampla casa de jantar.
Magnífico quarto de banho com água quente e fria.

A R C A D I A

G U I M A R ã I S

A melhor, a mais central e confortável casa na especialidade.
Diárias de 15\$00 a 22\$00. — Almoços e jantares.
Grandes descontos a pensionistas.

Largo do 28 de Maio, 82 a 84

Avenida Cândido Reis, 85 a 90

E m S . T O R C A T O

Pensão-Restaurante Central
de MANUEL DA SILVA LEITE

Primoroso serviço de mesa. Modelares instalações.

Neste novo Restaurante, situado num dos principais centros desta formosa
estância, servem-se em dias de Romaria, e a preços convidativos, magníficos
almoços e jantares; e, fora desses dias, quem os quiser saborear há-de
mandá-los preparar. — Vinhos da Região das melhores procedências.

V. Ex.^a deseja vestir bem?

Na ALFAIATARIA ECONÓMICA, de António
Fernandes «Carriço», encontrará V. Ex.^a as últimas
novidades em casimiras para a ESTAÇÃO DE VERÃO.

Execução de toda a obra concernente a esta arte. Preços sem competência.

Rua do Gravador Molarinho, 9 — GUIMARÃIS

ULTRAMARINA

Companhia de Seguros

Fundada em 1901

Com as melhores garantias, as melhores condições.

Sede em Lisboa:
Rua da Prata n.º 108-1.º
(Prédio da Companhia)

Delegação no Porto:
Rua Mouzinho da Silveira, n.º 80-1.º
(Prédio da Companhia)

Agente em Guimarães: ANTÓNIO ALVES FERREIRA

A SOCIAL

As maiores
vantagens

nos

Agência e Pôsto de Socorros:

seguros contra

HENRIQUE GOMES

DESASTRES NO TRABALHO

Farmacêutico — GUIMARÃIS

Casa das Gravatas

Chapéus, Gravatas, Popelines,

Meias, Peúgas, Camisas, Perfu-

maria, Sombrinhas, Carteiras, Bolsas, etc.

APRESENTA SEMPRE:

AS ÚLTIMAS CRIAÇÕES E AOS MELHORES PREÇOS.

V A G O

CAFÉ SPORT

Situado no mais aprazível local da cidade, com magníficas vistas para as duas principais praças de Guimarães e para a estância da Penha.

Optimo serviço de café, chá, leite, chocolate, cacau, ovomaltine, etc.

Bebidas nacionais e estrangeiras.

Venda directa ao público de café moído, exactamente igual ao que se vende à chávana.

FOTO-BELEZA

Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃIS

Revendedor oficial dos afamados produtos AGFA. Foto-Beleza é uma das mais bem montadas casas do seu género, e a única que tem os laboratórios completos da fábrica AGFA. Acabamentos, aos amadores, no prazo máximo de 24 horas, onde podem, pessoalmente, assistir ao cuidadoso trabalho.

O Proprietário,

Manuel Alves Machado.

ALFAIATARIA

DE

RIBEIRO, FILHO

Participa aos seus ex.^{mos} fregueses e amigos que já recebeu as últimas novidades em casimiras para a Estação de Verão.

Preços, os mais limitados da praça.

9, L. do Conselheiro João Franco, 10 — (Telef. 177) — GUIMARÃIS

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário defensor dos interesses do Concelho.
Filiado no Sindicato Nacional da Imp. Portuguesa.

Redacção e Administração: LARGO FRANCO CASTELO BRANCO, 30

Ex.^{mo} Snr.

Sociedade de Abastecimento

GUIMARÃIS